



Ensino de Sociologia em Debate

Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

ENSINO E PESQUISA: O DUPLO PAPEL DO PROFESSOR¹

Alexsandro Eleutério Pereira de Souza²

Diego Batista Rodrigues de Oliveira³

Romário de Assis Hipólito Barros⁴

RESUMO: O objetivo deste trabalho consiste em uma reflexão sobre o possível papel educativo do pesquisador, partindo do pressuposto de que todo educador é um pesquisador, mas nem todo pesquisador é um educador. Desse modo procuramos entender como profissionais com formações semelhantes se distinguem por suas diferentes preocupações. A partir da contraposição entre bacharéis e licenciados no curso de ciências sociais, buscamos por meio da análise teórica de autores que pensaram a construção de um currículo para o ensino médio, compreender como o distanciamento entre o pesquisador, responsável pela elaboração dos currículos e produção de materiais didáticos voltados a rede de ensino, e o licenciado, cujo papel é adequar essa produção ao ambiente escolar, influencia de forma negativa no processo de aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE: pesquisador; educador; currículo.

INTRODUÇÃO

¹ Artigo final da Disciplina de “Pesquisa e Ensino 01”, ministrada pelas professoras Dra. Angela Maria de Sousa Lima e Dra. Ileizi Luciana Fiorelli Silva, no primeiro semestre [março e abril] de 2012, na Pós-graduação “Especialização em Ensino de Sociologia”, do Departamento de Ciências Sociais da UEL.

² Graduado em Ciências Sociais pela UEL; Especialista em “Ensino de Sociologia”, Mestrando em Ciências Sociais pela UEL. Contato: pretoo@gmail.com

³ Graduado em Ciências Sociais pela UEL; Especialista em “Ensino de Sociologia”. Contato: deigocsuel@yahoo.com.br

⁴ Graduado em Ciências Sociais pela UEL; Especialista em “Ensino de Sociologia”; Professor de Sociologia da rede estadual do NRE/Londrina. Conato: romahipolito@yahoo.com.br

Entendemos que todo professor tem inerente à sua profissão o papel de educador e pesquisador, contudo, o pesquisador, propriamente dito, pode também ser considerado um educador?

O ensino de Sociologia está presente no Brasil desde o início do século passado, contudo, restrito aos cursos de Ensino Superior e, em um segundo momento, aos cursos normais (destinados à formação de professores). Sociólogos brasileiros de grande contribuição teórica, como Florestan Fernandes e Fernando de Azevedo, já haviam discutido a importância da inclusão do ensino de Sociologia nas escolas de ensino médio, como uma forma de contribuir para a formação de um cidadão crítico e para o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária. No entanto, não há neste período materiais específicos voltados ao público do ensino médio, pois a sociologia, até o momento, consistia em uma ciência voltada exclusivamente à compreensão e à apreensão dos fenômenos sociais.

É importante ressaltar as dificuldades para a inserção da Sociologia no currículo ginásial (atual ensino médio) como propunham os pensadores. A primeira dificuldade consiste na linguagem acadêmica utilizada especificamente nas escolas de ensino superior e nos trabalhos sociológicos; junta-se a isto, o fato de que a educação, na sua totalidade, era voltada às classes dominantes, não pensada a partir das necessidades das classes trabalhadoras; e, por último, a alta taxa de analfabetismo e o difícil acesso à educação dos setores mais pobres da sociedade.

O sociólogo, neste período, é compreendido como um cientista e não como um educador, pois o seu papel é a compreensão da realidade brasileira. Ele não está preocupado com o desenvolvimento de uma metodologia voltada à educação, mas com proposições voltadas aos agentes públicos.

Entre 1931 e 1942, especialmente após 1937, a Sociologia está presente e é obrigatória no currículo em um período que abrange um governo que começa com esperanças democratizantes e logo se tingem de autoritarismo, assumindo sua vocação ditatorial mais adiante. Em outro momento, em plena democracia, o sentido do veto do Presidente da República (2001) à inclusão da Sociologia como disciplina obrigatória traz uma certa dificuldade para essa hipótese. O que se entende é quem nem sempre a Sociologia teve um caráter crítico e transformador, funcionando muitas vezes como um discurso conservador, integrador e até cívico – como

aparece nos primeiros manuais da disciplina. Não se pode esquecer que a Sociologia chegou ao Brasil de mãos dadas com o positivismo. No caso recente, deve-se entender que a ausência da disciplina se prende mais a tensões ou escaramuças pedagógico-administrativas que propriamente a algum conteúdo ideológico mais explícito. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio; volume 3, 2006, p. 105).

Com o golpe de 1964, a Sociologia é retirada do currículo escolar e só retorna após quase quarenta anos. A partir de então surge uma vertente da Sociologia preocupada em difundir-la como disciplina no ensino médio, elaborando materiais, criando cursos de licenciatura e lutando pela sua institucionalização.

DESENVOLVIMENTO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL – UM BREVE HISTÓRICO

No contexto de três revoluções, uma política, Revolução Francesa; uma social, Revolução Industrial; e uma revolução na ciência, determinada pelo racionalismo, com o advento do Iluminismo; e diante das transformações políticas, culturais, sociais e econômicas determinadas por estes acontecimentos, surge a Sociologia como ciência, com o objetivo de compreender e explicar as relações existentes na nova sociedade que se configura.

Em 1887, a aula inaugural de Durkheim na Universidade de Bordeaux, marca a introdução da Sociologia como disciplina nos currículos oficiais da educação. No Brasil a sociologia integrou os currículos das escolas normais, dos cursos preparatórios (hoje denominado de ensino médio) e dos cursos superiores a partir das primeiras décadas do século XX.

A chegada de Getúlio Vargas ao poder, na década de 1930, o projeto de nacionalização e modernização da sociedade brasileira, determinaram mudanças históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais no país. Essas mudanças foram focos de vários estudos com o propósito de compreender a realidade brasileira.

A partir disto, a educação passou a ser objeto de estudo da Sociologia. Autores como Fernando Azevedo e Anísio Teixeira defendiam a construção de um sistema escolar

pautado nas realidades histórico-sociais do país, pois acreditavam que um sistema educacional institucionalizado e uma educação de qualidade eram fundamentais para o desenvolvimento da nação e a criação de um Estado forte.

No Brasil, a educação possuía um caráter elitizado e conservador, o ensino técnico era voltado para as classes mais pobres e a inclusão no Ensino Superior era direcionado apenas para as classes dominantes. Isto impossibilitava a possibilidade de se pensar uma política de desenvolvimento econômico acelerado, pois a educação ainda mantinha seu caráter tradicional e patriarcal.

Neste contexto surge a necessidade da presença do cientista social no campo educacional, para atuar na “reconstrução pedagógica”, apontar falhas e refletir sobre novas formas de atuação que levassem em consideração o educador, o educando e a comunidade. Para Florestan Fernandes (1966), o cientista social possui, no âmbito escolar, a função de aplicar na prática tudo o que aprendeu na teoria dentro da universidade, mas além de transmitir conceitos sociológicos, seu objetivo principal é despertar nos educandos suas capacidades críticas e interpretativas da realidade social. Para ele, a educação é um instrumento transformador da sociedade, por isso deve ser estabelecida de forma gratuita e de qualidade para todos.

No Brasil a criação de cursos superiores de ciências sociais possibilitou o desenvolvimento da pesquisa sociológica e contribuiu para a criação de políticas públicas. No ensino médio o ensino de sociologia teve seus altos e baixos no decorrer do século XX, com a nova LDB de 1996 – Lei nº 9.394/96 – criou-se uma expectativa para a inclusão definitiva da disciplina Sociologia no Ensino Médio, mas devido interpretações equivocadas a Sociologia acabou sendo tratada interdisciplinarmente por disciplinas da área de ciências humanas, como história e geografia.

A inclusão da Sociologia como disciplina curricular obrigatória nas instituições escolares públicas e privadas brasileiras, só ocorre em junho de 2008 com a promulgação da lei 11.684/08⁵. No entanto, sabemos que só a obrigatoriedade de disciplinas como filosofia e sociologia no currículo do Ensino Médio não são suficientes para amenizar os problemas existentes na educação brasileira, é necessário também elaborar e aplicar um

⁵ IV – serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio. (Incluído pela Lei nº 11.684, de 2008)

currículo que esteja familiarizado com a realidade e as necessidades da população brasileira.

O CURRÍCULO ESCOLAR HOJE

A sociologia ainda não possui uma tradição pedagógica. Ela encontra-se num processo de criação de bases que possam determiná-la e que garantam seu espaço no Ensino Médio. Hoje existe um crescimento na produção textual que discute e reflete sobre as questões pedagógicas na Sociologia e que auxiliam os professores na orientação dos alunos, aproximando-os do debate sociológico.

Diante um novo contexto educacional, as diretrizes e orientações curriculares na área de sociologia propõem a formação de um cidadão crítico, aproximando-o do debate sociológico determinado pela contemporaneidade. As OCEM (Orientações Curriculares para o Ensino Médio) dão uma nova característica ao currículo escolar que possui a imagem habitual de um conjunto de conhecimentos ou matérias ordenadas metodologicamente como um guia educacional.

Para pensarmos no significado do currículo escolar hoje, devemos nos remeter a intenção política que ele exprime e a tensão existente entre teoria e prática, entre o documento e sua aplicação. A proposta educacional é construir o currículo através de um debate entre a instituição educacional, os docentes, pais e educandos, para que a partir desta contenda possa se levar em conta o contexto social em que estas pessoas estão inseridas, podendo assim direcionar o ensino para a desconstrução e reconstrução de modos de pensar.

O objetivo da sociologia no Ensino Médio é problematizar os fenômenos sociais, submetendo-os a um processo de estranhamento, que permita a desnaturalização de certos fenômenos. Porém, existe uma relação bastante distinta entre a Sociologia, enquanto ciência, e a disciplina Sociologia, por isso se faz necessário adequar os conceitos, a metodologia, a linguagem e os objetivos a fase de aprendizagem dos jovens.

O ensino de Sociologia [...] permite-lhes apreensão efetiva, ainda que em nível médio, de um corpo conceitual mínimo de análise dessa sociedade,

não de modo descritivo, fotográfico ou fatural, mais de modo mais crítico, científico, penetrante. (MACHADO, 1987, p. 115).

A escola é considerada um espaço de mediação entre o privado (família) e o público (sociedade). Através do currículo escolar é possível criar condições que auxiliem essa mediação e permitam a capacitação das pessoas para o exercício da cidadania em seu sentido estrito. Mas como por em prática as determinações postas pelo currículo? Como fazer esta mediação entre público e privado em sala de aula? Tal questionamento se deve a tal fato:

[...] o professor [...] confronta-se, no decorrer de sua atividade cotidiana, explícita ou implicitamente, com um problema de justificativa. Por que ensinar algo em vez de nada, e por que ensinar tal coisa em vez de outra? Ensinar e aprender supõe custos, esforços, sacrifícios de toda natureza. É preciso ensinar algo que valha a pena. [...] isso quer dizer que não existe, na verdade, ensino possível sem o reconhecimento, por parte daqueles a quem o ensino se dirige, de uma legitimidade, de uma validade [...] mas é necessário que tal sentimento seja experimentado antes pelo próprio professor. [...] o bom ensino abre caminho para o espírito crítico, para a dúvida metódica, para a imprevisibilidade da busca e da reflexão. (FORQUIN, 2000, p. 50).

Tanto as OCEM (2006) explicam o processo pedagógico, o contexto histórico-social do ensino de sociologia, a fundamentação teórico metodológica, porém, como já foi dito acima, o grande embate, a grande tensão existente, não só no ensino de sociologia, mas que abrange todas as outras disciplinas presentes no Ensino Médio é por em prática o conteúdo proposto pelos documentos discutidos.

Levando em consideração que a proposta curricular não é uma cartilha a ser seguida à risca pelo professor, cabe a este encontrar métodos que possam simultaneamente prender a atenção dos educandos de maneira que os permitam compreender os conteúdos trabalhados. O professor está diante de grupos heterogêneos, cabe a ele observar o desenvolvimento da sala e a partir desta observação traçar sua metodologia.

O papel dos “ensinantes da cultura” [...] é dar a cada um a possibilidade de compreender, como uma polifonia cristalina as múltiplas vozes que se ouvem, de tempos em tempos, nos mais diferentes cantos do mundo. (FORQUIN, 2000, p.78).

As discussões acerca da construção curricular para o Ensino Médio e as pesquisas sociológicas na área de educação são de extrema importância, mas devemos levar em consideração o necessário diálogo entre o cientista social e o educador, a fim de proporcionar o desenvolvimento educacional adequado à realidade dos alunos.

REFERÊNCIAS

- FERNANDES, Florestan. **Educação e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus, 1966.
- BECKER, Howard S. **Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social**. RJ: Jorge Zahar, 2009.
- BRASIL.MEC.CNE. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, DF, 1998.
- BRASIL.MEC.SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Ciências Humanas e suas Tecnologias. **Conhecimentos de Sociologia**. pp.100-133, 2006.
- FORQUIN, Jean-Claude. **O currículo entre o relativismo e o universalismo**. Revista Educação e Sociedade, ano XXI, n. 73, dez/2000. (Pesquisador do *Institut National de Recherche Pédagogique* – Paris)
- MACHADO, Celso de Souza. **O ensino de Sociologia na escola secundária: levantamento preliminar**. Revista Educação, n. 13, p. 115 a 142, jan-jun, 1987.
- MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009. p.21 a 95. ISBN 978-85-378-0114-7. (Nova biblioteca de Ciências Sociais) Seleção e introdução de Celso Castro – Tradução: Maria Luiza X.A Borges.